

Novos olhares sobre velhas histórias trágico-marítimas

Margarida Génio

Se há navios que se perdem sem grandes dramas, morrendo de morte natural por entre o lodo dos estuários ou o burgau de uma praia onde a maré cheia os fazem varar sem remédio, outros há que ao naufragar rasgam de forma indelével a memória colectiva dos sobreviventes, dos que os socorrem ou dos meros espectadores do sinistro que, da costa, constroem nesse mesmo momento as tramas futuras de uma história trágico marítima que raras vezes terá honras de publicação.

Começando pelos Açores, fazendo escala na Madeira e correndo a costa continental de Caminha à foz do Guadiana, pretendemos fazer um périplo pelos mais variados infortúnios navais modernos e contemporâneos, resgatando-os do esquecimento da História e da omissão de autores/recolectores tão diversos como sejam Bernardo Gomes de Brito, Damião Peres ou João Palma-Ferreira.

Falemos então de naufrágios em Portugal. Falemos do lugre *Spindrift* e da mortandade que a pilhagem das chitas que transportava causou entre aos que acorreram ao local; falemos do Oberleutnant Walter Sitek, que fugiu de um submarino VII-C - abalroado e afundado a 2 de Fevereiro de 1942 - que nadou até à costa, que regressou à Alemanha e que acabou a II Guerra Mundial ao leme de um outro submarino; dos imigrantes indianos que pereceram em 1892 no naufrágio do *Roumania* e que estão hoje enterrados na Serra do Bouro; falemos das damas que seguiam para a América num bergantim espanhol capturado por franceses e que a guarnição de Lagos foi resgatar, quase nuas, a Aljezur; da história do único sobrevivente do *Revenge* que, assim que conseguiu subir ao topo da falésia onde o galeão dera à costa, prontamente expirou levando consigo os momentos finais de uma história que Lord Tenysonson haveria de colocar em verso; relembremos as *Cartas de Abelardo e Heloísa* salvas por Luís Correia Teixeira, o juiz de fora de São Roque que fez enterrar os mais de duzentos mortos que deram à costa, enredados nos restos da fragata da Convenção *l'Astrée*; falemos do caso do marinheiro francês que sobreviveu a um naufrágio nos Açores para não sobreviver a um segundo, no mesmo local, 15 anos depois ou do comandante que se quis suicidar com um tiro na cabeça por ter dado com o seu transatlântico em terra e de um outro que morreu do desgosto de ter deixado o seu navio ir ao fundo.

Parafraseando Pablo Perez-Mallaina, falemos então do mar, dos homens e dos homens defronte do mar.